

PARECER. PROCESSO DE TOMBAMENTO nº 1648-T-12. - EDIFÍCIO A NOITE.

Era - para quem desembarcava no porto do Rio de Janeiro depois de 1930 – a primeira incontornável referência visual. O grande edifício – o maior então da cidade e, como se não bastasse, de toda a América do Sul - era a prova de que a cidade afamada por sua beleza natural tinha também outras credenciais para apresentar-se como um centro urbano moderno e civilizado.

O edifício fechava a Praça Mauá, fazia esquina com a Avenida Rio Branco, e dominava, do alto de seus 130 metros, divididos em 22 andares (contariam como 30 se o pé direito de cada um de seus andares fosse mais baixo), um pedaço da Baía da Guanabara e no seu entorno imediato uma paisagem construída, ainda, de sobrados e prédios de pequena presença e onde apenas o Mosteiro de São Bento montado em sua elevação natural podia servir como contraponto.

A obra deveu-se à colaboração dos arquitetos Joseph Gire que já havia dado ao Rio, entre outras obras, o Copacabana Palace e o Hotel Glória, e Eliziário da Cunha Bahiana. Contou, ainda, com a colaboração indispensável do calculista Henrique Baumgart ficando a construção a cargo de empresa Gusmão, Dourado e Baldassini.

O título de mais alto edifício no país durou pouco já que o prédio da Praça Mauá foi logo ultrapassado pelo Edifício Martinelli, em São Paulo, que o ultrapassou por uma diferença de escassos dois metros. Pouco tempo depois foi vez de Buenos Aires conquistar o troféu sul-americano com o Edifício Kavanagh que lá está, até hoje, na Praça San Martin. É curioso que os três prédios sobreviveram, até hoje, guardando no essencial as suas linhas e o seu prestígio.

O edifício Kavanagh continua a ser um dos grandes endereços da Capital argentina; o edifício Martinelli retém seus títulos no centro de São Paulo e chegou, agora, a vez do octogenário prédio de A Noite dourar os seus braços e a reconquistar espaço e a visibilidade em uma região portuária em processo de recuperação e valorização.

Os promotores originais não tiveram os meios necessários para levar a termo o projeto da construção do Edifício que estava além do fôlego de Irineu Marinho e de Geraldo Rocha e a obra foi terminada e seu controle assumido por Percival Farqhar que representava entre nós significativos capitais americanos e canadenses. Foram logo encontradas importantes empresas que ocuparam salas e andares do edifício e o jornal *A Noite* ali

manteve sua redação durante largo período e podia-se ler no alto da fachada o nome daquele vespertino que foi, por um período, o de maior tiragem do país.

Anos depois da inauguração, quatro andares do prédio são ocupados pela Radio Nacional, cujo prefixo PRE-8, era então conhecido em todo o Brasil e que, por sua mistura de radionovelas, programas de auditório e noticiários – entre os quais cabe destacar o Repórter Esso - que foi durante a guerra o ponto de irradiação mais prestigioso do sistema brasileiro de comunicações - assume uma posição de absoluta liderança na nossa mídia de então. O que destaco aqui, é que durante décadas, do prédio de número 7 da Praça Mauá, divulgava-se para a cidade e o país boa parte da informação e do entretenimento que aqui se consumia e produzia.

Faço aqui o que talvez devesse ter feito em primeiro lugar isto é registrar e elogiar a excelente documentação que informa o Processo de Tombamento 1648-T-12 tanto em sua parte principal quanto nos anexos que o acompanham. Da leitura desse material certas evidências emergem de forma incontornável: a) o edifício de *A Noite* representa um marco que não deve ser ignorado da nossa arquitetura e engenharia da época de sua construção, o que envolve o fim da década de 1920; b) o edifício é um exemplo interessante do alcance do movimento “*Art Déco*” no Rio de Janeiro e embora seu interior tenha sido amplamente descaracterizado sua parte externa sofreu poucas alterações desde a época de sua construção; c) o fato de ter abrigado o jornal *A Noite* e a Rádio Nacional faz com que o edifício seja um marco importante na história do jornalismo brasileiro; d) o processo ora em curso de renovação e revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro reclama que se conceda atenção especial a um dos marcos referenciais da região.

Em volta da antiga Prainha, hoje Praça Mauá, foi inaugurado faz poucos dias o MAR (Museu de Arte do Rio) que será, espero, logo acompanhado pelo Museu do Amanhã, que agora se constrói sobre o “píer” fronteiro à Praça Mauá; em poucas semanas o elevado que tanto enfeia o local começará a ser demolido e acredito que irão prosperar importantes projetos de valorização do velho porto onde ainda se esconde a Casa de Banhos de Dom João VI, o Cemitério dos Ingleses e os que se estão recuperando do Cais e do Mercado do Valongo, dolorosamente associado ao tráfico negreiro para o Brasil. Não sugiro que esse processo será indolor e tenho presente a necessidade de proteger uma população, que embora não numerosa, deverá ser deslocada e que não poderá ser esquecida em suas justas reclamações.

Registro que o edifício de *A Noite* já foi tombado pelo governo do Rio de Janeiro e tenho presente que um processo de tombamento do antigo auditório e de outros espaços da Rádio Nacional arrastou-se, de forma inconclusiva, durante vários anos. De fato, apesar de ser sensível ao valor sentimental do gesto, e do que se pretendia preservar, era forçoso reconhecer que o espaço já havia sido alterado de maneira decisiva e que não seria possível recapturar os sons e as emoções da uma época que já vai distante. Existem problemas residuais a examinar.

A proteção dos espaços da antiga Rádio Nacional é um deles, reclama soluções engenhosas e sensíveis, mas que escapam, acredito, aos objetivos deste parecer. Sou, assim, favorável ao tombamento do edifício de número 7, da Praça Mauá, pelo seu significado na história do concreto armado no Brasil, por seu valor na paisagem portuária do Rio de Janeiro e porque aquele espaço, durante não poucos anos, foi um dos pontos centrais da irradiação do jornalismo escrito e falado do Brasil”.

Marcos Castrioto Azambuja, em 3 de abril de 2013.